



## HOMEM x MULHER - JOGO DE PODER E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM *TRECHO* DE CLARICE LISPECTOR

Helyana Kelle Resende Miranda<sup>1</sup>  
Margareth Torres de Alencar Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho vigente tem como objetivo analisar as performances de gênero presentes no conto *Trecho* de Clarice Lispector, que faz parte do livro *Primeiras Histórias* (1980), buscando perceber como a identidade de gênero é construída por discursos e imposta socialmente. A metodologia utilizada para tal estudo foi uma pesquisa do tipo bibliográfica, fundamentada na natureza descritiva com análise qualitativa, partindo de uma perspectiva teórica ancorada nos estudos de gênero propostas Butler (2021), na crítica feminista Louro (2014). Esta proposta justifica-se pela importância de se observar como a identidade de gênero foi sendo formada/moldada por uma sociedade regulada pela ideologia patriarcal, sendo tão bem representada pela narrativa clariciana através da personagem Flora. Com este estudo, foi possível observar que a representação estilizada dos atos da mulher é moldada pelos instrumentos sociais de poder colocando-a como submissa e dependente do homem, e esta realidade deve servir de ponto de reflexão para uma desconstrução dos processos identitários ideológicos tradicionais.

**Palavras-chave:** Identidade de gênero; Judith Butler; Crítica feminista; Clarice Lispector.

### INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa analisa-se as performances de gênero presentes no conto *Trecho* (1980), de Clarice Lispector, com o objetivo de discutir os processos de construção identitária feminina. Esse enfoque visa responder o questionamento: Como a personagem Flora parece ser justamente representante de estereótipos e construções sociais em grande medida pautadas na performatividade do gênero feminino?; Sob quais perspectivas a personagem se faz subversiva às condições impostas a ela?

Com vista à investigação dos questionamentos mencionados, utilizou-se a pesquisa do tipo bibliográfica, cujo método remete para a análise qualitativa com análise do texto. Para tanto toma-se, como fundamentação teórica para este trabalho, as discussões e os conceitos acerca da crítica feminista, gênero e identidade discutidos por autores como Judith Butler (2003), Guacira Louro (2014). O método escolhido justifica-se pelo emprego das concepções sobre identidade feminina e das teorias de gênero



atrelada à personagem principal em análise do corpus eleito. Como já mencionado é utilizado como corpus a obra *Trecho* de Clarice Lispector, além de fichamentos dos teóricos que discutem gênero e identidade.

O intuito é fazer uma observação cautelosa da obra literária, pontuando suas características quanto à performatividade de gênero, verificando quais são as implicações e a funcionalidade do estudo da personagem dentro do enredo. Essa pesquisa se justifica pelo entendimento da relação entre a literatura e as ciências humanas, e da importância que traz os estudos literários aliados ao de gênero, uma vez que ambos estão imbricados à realidade de determinados contextos históricos. Isto faz com que tenha como motivação à análise dos processos de construção da identidade da mulher, algo que é contínuo segundo Butler (2003), contribuindo significativamente para reflexões e transformações das performances de gênero na nossa sociedade.

## **IDENTIDADE DE GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER**

No percurso político-social as mulheres vêm travando batalhas para ganhar espaço numa sociedade falocêntrica como a nossa na qual a mulher é invisibilizada como sujeito, e no âmbito da literatura não é diferente. Diante disto, é importante mencionar que os estudos feministas surgem com o objetivo de tornar visível àquelas as quais, historicamente, foram silenciadas e subjugadas; a crítica feminista busca desconstruir a oposição homem/mulher, “rompendo com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário com relação ao homem, marcado pela marginalidade, submissão e pela resignação” (BONICCI & ZOLIN, 2009).

Sabe-se que no final do século XIX, início do século XX se deu a primeira onda da crítica feminista, com o movimento das sufragistas que defendia o direito do voto feminino, e no contexto literário Virginia Woolf foi a representante da inserção da mulher na literatura, abrindo caminhos para a escrita literária feminina. Em seguida, a segunda onda se deu em meados de 1949, com Simone de Beauvoir, através de sua visão existencialista, ela questiona a subordinação feminina como algo antológico, a mulher como sendo “o Outro”, e os mitos criados pelos escritores homens sobre as mulheres, e para isso ela propõe que as mulheres lutem por igualdade de direitos e deveres com relação aos homens.



Foi por meio das feministas anglo-saxãs que diferenças sexuais justificadas pelo determinismo biológico foi substituído pelo conceito de gênero, relacionando-o diretamente com as construções sociais e históricas, pois é nesse campo onde se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos, nas formas de representações diárias. Em 1986, Joan Scott, escreveu um artigo baseado nos conceitos pós estruturalistas, principalmente com base em Foucault e Derrida, propondo a desconstrução do “caráter permanente da oposição binária” masculino-feminino, pensamento polarizado concebido dentro de uma lógica de dominação-submissão. Essa desconstrução implica em perceber que cada um desses polos é internamente fragmentado, “afinal não existe a mulher, mas várias mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras” (Louro, 2014, p.32). Essa ideia de desconstrução é abordada na crítica feminista procurando ressaltar que a oposição é construída e não inerente e fixa.

Percebendo a necessidade de renovação do pensamento da crítica feminista, Judith Butler, por volta de 1990, promove a terceira onda desse movimento, problematizando a fragilidade da noção de identidade de gênero produzida e naturalizada pelos discursos hegemônicos presente na sociedade heteronormativa na qual vivemos, e reforçando a desconstrução da oposição binária dos gêneros, entendendo que a principal consequência dessa desconstrução binária é a inclusão da ideia plural de masculinidade e feminilidade, abrangendo a todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” nessa dicotomia homem-mulher. A autora critica o essencialismo e defende que tanto sexo como gênero são categorias construídas social, cultural e juridicamente. Nesse sentido, Butler passa a questionar o conceito de *mulheres* como sujeito do feminismo, já que o gênero é constituído pelo imbricamento de vários eixos como raça, etnia, classe, sexualidade, religião, sempre em processo.

Considerando então que o gênero é um dos constituintes da identidade plural do sujeito, entende-se que as diversas instituições e práticas sociais são atravessadas pelos gêneros, isto é, da mesma forma que aquelas compõem os gêneros, também são compostas por esses; os espaços sociais são ‘generificados’ — produzem-se, ou ‘engendram-se’, a partir das relações de gênero, de classe, étnicas, etc. Guacira Louro em seu livro *Gênero, sexualidade e educação* (2014), enfatiza a distinção dos conceitos identidade sexual e identidade de gênero:



Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (Louro, 2014, p.27, grifo da autora)

Esse pensamento que está respaldado em Foucault, segundo Louro, ele compreendia a sexualidade como uma “invenção social”, ou seja, constituída a partir de múltiplos discursos de poder que regulam, normalizam, constroem saberes, produzem “verdades”. (apud Louro, 2014, p. 38). Para ele, o conceito de poder não estava relacionado à opressão, dominação ou privilégio, e sim como uma rede de micropoderes articulados ao Estado e que atravessam a estrutura social em múltiplas direções (escola, meios de comunicação, hospitais, fábricas, prisões, quartel, etc) destacando a face produtiva do poder. Os gêneros se produzem na e pelas relações de poder, homens e mulheres não se constituem apenas de censura e repressão, mas sim de “práticas e relações que instituem gestos, modos de ser, e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e usualmente, diversas)” (Louro, 2014, p. 41). O que pode ser compreendido que o gênero é um conceito que merece muita atenção interpretativa.

## **NARRATIVA CLARICIANA**

Clarice Lispector, ucraniana naturalizada brasileira, escritora e jornalista, inaugura a fase feminista da literatura de autoria feminina no Brasil. Não podendo ser considerada uma feminista propriamente dita, a narrativa clariciana é constituída por questionamentos sobre a posição da mulher, subalterna e dependente, na sociedade patriarcal. A autora, sempre preocupada com as injustiças sociais, evidencia com perfeição em suas obras, as representações femininas da época, ou seja, a mulher do lar, tratada como ser inferior. Observa-se que Clarice consegue, em suas obras, representar mulheres urbanas, brasileiras, cujos desejos, carências e lutas que tendem a ser invisibilizadas socialmente são explicitadas nas narrativas.



Lispector apresentou uma ruptura com a tradição literária do seu tempo por quebrar a linearidade cronológica em suas narrativas, utilizando sua própria inspiração e visão de mundo e por isso foi entendida, pelos leitores da época, como uma escritora de difícil compreensão. No entanto, a percepção dos críticos da época como Antônio Cândido (1918-2017) e Sérgio Millet (1898-1966) quanto à sua forma distinta de escrever foi positiva e a levou a ser reconhecida nacionalmente e no exterior.

Na sua monografia *A Condição feminina nos contos “Amor” e “Imitação da rosa” de Clarice Lispector*, Marlene Dittrich (2020), acentua que no livro *Vários Escritos* (1970), Cândido registra o valor da escrita clariciana, ainda quando era desconhecida, eis o comentário do crítico;

A autora soube criar o estilo conveniente para o que tinha que dizer. Soube transformar em valores as palavras nas quais muitos não veem mais do que sons e sinais. A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer dessa jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo mais originais da nossa literatura, porque essa primeira experiência já é uma nobre realização. (Cândido, 1970, p. 131).

De acordo com Dittrich, Cândido considera a escrita de Clarice existencialista, ou seja, busca ultrapassar os conflitos gerados pela impressão de não pertencimento – bem como tudo que de certa forma os traduz, como o silêncio, o abandono e a solidão. Clarice tem por hábito estético externar de forma eruptiva, as questões íntimas do ser. Suas personagens femininas, sempre iniciadas em um não-lugar nas narrativas que lhes são correspondentes, a pretexto de uma superação de si, rompem ou tentam romper com a postura conformista típica do seu contexto social.

## **DITOS E NÃO DITOS – PERFORMATIVIDADE EM TRECHO**

Antes de iniciarmos a análise do nosso objeto de pesquisa, faz-se necessário entender um pouco mais sobre a teoria da performatividade que a filósofa Judith Butler propõe em seu livro *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade* (2003), na qual busca entender a formação de gênero e subsidiar a ideia de que a expressões de gênero é um direito e uma liberdade fundamentais e não uma "ideologia". Partindo do pensamento de Beauvoir em sua obra *“O segundo sexo”*, de 1949, que sexo é biológico e gênero é construção cultural, “Não se nasce mulher, torna-se”, Butler



(2003) discorda e considera que tanto gênero como sexo são construídos culturalmente, por meio dos discursos das relações de poder.

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas *a cultura se torna o destino*. (BUTLER, 2003, p.26, grifo nosso).

De maneira geral, performatividade é pensada como uma linguagem e uma forma de ação social, ou seja, que traz efeito de mudança. Quem primeiro conceituou performatividade foi o filósofo da linguagem John L. Austin, ao enfatizar a possibilidade da fala se transformar em ação. Há, para ele, a linguagem constativa (atos perlocutórios, que é descritiva) e a linguagem performativa (atos ilocutórios, que é ação). Foi com base nessa teoria, e também influenciada por Michel Foucault, que Butler formulou que o gênero é socialmente construído por meio da linguagem (ações de discursos cotidianos) e também por meio de comunicação não verbal (performances), visto que definem e sustentam identidades. Assim, a identidade de um indivíduo (suas falas, seus gestos, sua forma de ser no mundo) existe porque lhe foram atribuídos e construídos socialmente. Entendendo com isso que,

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2003, p. 59)

O sujeito não é anterior ao que ele expressa, mas é justamente um efeito do que ele expressa.

[...] o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias "expressões" tidas como seus resultados. (BUTLER, 2003, p. 48, grifo do autor).

Assim, a identidade de gênero é conceituada como uma sequência de atos sem ator ou autor preexistentes, ela está aberta a certas formas de intervenção e de resignificação contínuas, porquanto seja uma prática discursiva. Na leitura de Butler, o gênero não se comporta como essência, atributo ou substância que se possa atribuir ao



sujeito, visto que se constitui por “atos que se repetem” e está em constante transformação.

Como pontuado anteriormente, para ilustrar esses atos performativos tem-se o objeto de estudo o conto *Trecho*, pertencente ao livro *Primeiras Histórias* (1972) de Clarice Lispector, onde observa-se as representações de gênero num contexto social de um bar, na qual a personagem principal Flora se encontra sozinha a espera de seu amor Cristiano.

Logo no início do conto vislumbra-se a performance preconceituosa do garçom que a discrimina por estar sozinha, sem um homem, num lugar público, pois, ele a olha de uma forma que ela se sente como um objeto abandonado, sem dono, e logo após ela responder que esperava um amigo, o garçom respondeu-lhe, sem ao menos olhá-la. “ele olhou-a por um momento. [...] ele limpou uma nódoa inexistente no canto da mesinha de mármore e, após uma demora calculada, retrucou, sem ao menos olhá-la: - Sim, senhora”. (Lispector, 1972, sp). Nesse excerto, identifica-se a lógica da representação machista quanto ao desvalor da mulher que está desacompanhada de um homem.

Butler (2003) foi assertiva nas suas reflexões quanto a constituição do gênero ser cultural e não biológica. O bebê já ao nascer tem que cumprir com normas sociais impostas: menino tem que usar azul, jogar futebol, não precisa fazer serviços domésticos; menina tem que usar rosa, fazer ballet (caso tenha condição social para isso) e brincar de cozinha para poder se responsabilizar pelas tarefas domésticas e cuidar dos filhos sem a colaboração do seu companheiro. No conto percebe-se algumas menções dessas performances de gênero.

Flora gosta muito de viver. Muito mesmo. Nessa tarde, por exemplo, apesar do vestido apertar-lhe a cintura e ela esperar com horror o momento em que tiver que se levantar e atravessar o comprido recinto com a saia justa demais, apesar de tudo isto, acha bom estar sentada ali, no meio de tanta gente, para tomar café com bolinhos como todos. Tem a mesma sensação de quando era pequena e a mãe lha dava as panelinhas ‘de verdade’ para encher de comida e brincar de ‘dona de casa’ (Lispector, 1972, sp)

Pode-se observar neste fragmento, um exemplo claro dos atos performáticos que as mulheres tinham, e ainda hoje tem, que desempenhar na sociedade. Primeiramente, tem-se a construção cultural no fato da mãe dá panelinhas para a filha brincar de dona de casa, preparando-lhe para o seu “destino”. E tem-se também o fato da personagem



estar usando uma roupa considerada socialmente como feminina por ser “sexy”, já que ela foi se encontrar com o amor da sua vida e num lugar público; mesmo se sentindo incomodada, ela cumpriu com a performance culturalmente construída. Faz-se relevante pontuar sobre o extrato destacado na citação, que naquela situação, por alguns instantes, Flora se sentira vista e aceita pela sociedade, mesmo sendo uma mulher desacompanhada.

O machismo cultural e estruturante é prova da performatividade de gênero que ainda vivemos, em pleno século XXI, o avanço que a classe feminina obteve, está sendo ameaçado pelo advento das esposas troféus, a submissão e a misoginia maquiadas de cuidado e zelo, por nossa sociedade heteronormativa.

Um casal entrou. O homem parou à porta, escolheu demoradamente o lugar, para lá encaminhou-se *com a mulher debaixo do braço* [...] Sentou-se, circundou um olhar de desafio pela sala. A mocinha era tímida e sorriu para Flora, um sorriso de solidariedade de classe (Lispector, 1972, sp. grifo nosso)

A invisibilidade da mulher na sociedade é tão naturalizada que passa despercebida nas situações cotidianas; um dos papéis, construído socialmente por meio das relações de poder, do gênero masculino é prover, e do gênero feminino é ser subjugada . Isto é observado na obra, durante a espera por Cristiano, ao tomar um suco, Flora lembra da sua filha Nenê e do comentário que Cristiano fez em um certo momento sobre elas duas “[...]ambas eram duas crianças, que no grupo ele era o único adulto. Mas isso não intristece muito Flora[...]” (Lispector, 1972, sp.). Refletindo sobre essa fala de Cristiano é possível questionar-se o por quê ele comparou Flora a uma criança, o que está nas entrelinhas dessa afirmação?, será se é porque ela é tão incapacitada como uma criança? Será se ela é tão apagada socialmente como uma criança? Ele se considera o único adulto por ser homem? E o mais chocante é que Flora nem percebe essa invalidação, assim como muitas mulheres no dia a dia da nossa sociedade falocêntrica.

Outro momento que revela essa altivez masculina é representada na passagem “[...] se Cristiano chegasse naquele momento mandaria buscar qualquer coisa amarga e as náuseas desapareceriam. Depois ele diria orgulhoso: ‘Nem sei mesmo o que você faria sozinha. Você arranja coisas justamente no momento impróprio’[...]”(Lispector, 1972, sp ). Aqui observa-se a sobreposição do gênero masculino ao gênero feminino, uma típica performance de gênero constituída histórica e culturalmente, uma mulher não





claro a sensação vulnerabilidade sentida pela protagonista só porque não estava acompanhada de um homem. Outro momento no qual percebe-se um monólogo interior é quando já havia passado um certo tempo de espera, os músicos estavam se organizando para tocar e o café estava ficando lotado, nesse momento Flora se sente abandonada e pensa “quer dizer que estou perdida” (Lispector, 1972, sp. ) e vendo os casais dançando, ressalta seu sentimento de abandono “estou aqui há tanto tempo, há tanto tempo! ... quer dizer que estou perdida” (Lispector, 1972, sp.). Nesse momento, a personagem sente-se muito sozinha, desprotegida, com vontade de chorar e decepcionada por tanta espera. O que pode representar a longa espera da visibilidade da mulher em uma sociedade.

Outro estudioso, Lucas Silva, no seu artigo *O fluxo da consciência: um olhar sobre o conto Viagem a Petrópolis, de Clarice Lispector* (2021), expõe o conceito de fluxo da consciência de acordo com Carvalho (1981), que é “a apresentação idealmente exata, não analisada, do que se passa na consciência de um ou mais personagens” (Carvalho, 1981, p.51 apud Silva, 2021). Observa-se esse acontecimento na passagem:

Meus senhores, meus senhores! Eis-me aqui pronta para a vida! Meus senhores, ninguém me olha, ninguém nota que eu existo. Mas, meus senhores, eu existo, eu juro que existo! Muito, até. Olhem, vocês, que tem esse ar de vitória, olhem: eu sou capaz de vibrar, de vibrar como a corda esticada de uma harpa. Eu posso sofrer com mais intensidade do que todos os senhores. Eu sou superior. E sabem por quê? Porque sei que existo (Lispector, 1972, sp.).

Nesse fragmento, constata-se mais uma vez a sensação de invisibilidade da protagonista, no auge do seu desespero a espera do seu amado que prometeu-lhe que naquele dia aconteceria o fato mais significativo das suas vidas. Psiquicamente abalada, Flora busca mentalmente, uma forma de ser vista como um ser humano qualquer, igualmente a todos aqueles homens e mulheres acompanhadas que alí estavam. Dessa forma, foi descrito literalmente o pensamento da personagem de forma livre e fuida, sem fragmentos, de forma contínua.

Outro momento que descreve a explosão de sensações que Flora sente, há muitas camadas a serem observadas.

“Meus senhores, agora justamente que eu tinha tanto para dizer, não sei me exprimir. Sou uma mulher grave e séria, meus senhores. Tenho uma filha, meus senhores. Poderia ser um bom poeta. Poderia prender quem eu quisesse. Sei brincar de tudo, meus senhores. Poderia me levantar agora e fazer um



discurso contra a humanidade, contra a vida, Pedir ao governo a criação de um departamento de mulheres abandonadas e tristes, que nunca mais terão o que fazer no mundo. Pedir qualquer reforma urgente. Mas não posso, meus senhores. E pela mesma razão nunca haverá reformas. É que em vez de gritar, de reclamar, só tenho vontade de chorar bem baixinho e ficar quieta, calada. Talvez não seja só por isso. Minha saia é curta e apertada. Eu não vou me levantar daqui. Em compensação tenho um lenço pequeno, de bolinhas vermelhas, e posso muito bem enxugar o nariz sem que os senhores, que nem sabem que eu existo, vejam”. (Lispector, 1972, sp.)

Quando ela diz “... poderia ser um bom poeta...” (Lispector, 1972, sp.), verifica-se que ela usa a palavra poeta no masculino, expressando que a sociedade só considera o gênero masculino capaz de ser um bom profissional, assim como quando ela diz “...poderia prender quem eu quisesse...” (Lispector, 1972, sp.) ela mesmo sendo mulher é capaz ter uma “profissão de homem”; quando ela se refere ao “... departamento de mulheres abandonadas e tristes, que nunca mais terão o que fazer no mundo...” (Lispector, 1972, sp.), exemplifica a representação criada social e culturalmente que a mulher só é feliz e completa se tiver um marido, família e filhos; ao dizer “...Pedir qualquer reforma urgente. Mas não posso, meus senhores. E pela mesma razão nunca haverá reformas. É que em vez de gritar, de reclamar, só tenho vontade de chorar bem baixinho e ficar quieta, calada. Talvez não seja só por isso. Minha saia é curta e apertada ...”(Lispector, 1972, sp.), é possível inferir que por ela ser mulher ela não tem o aval da sociedade machista de reivindicar nada, só cabe às mulheres a submissão de aceitar tudo calada e reprimir seus desejos e emoções.

Outra representação bastante relevante desse lugar secundário que a sociedade colocou à mulher, Lispector expôs através da metáfora “... árvores silenciosas perdidas na estrada. Refúgio manso de frescura e sombra...” (Lispector, 1972, sp.) poema que a protagonista escreveu depois de horas de espera, nos revela a “função” que foi imposta à mulher de servir aos homens mesmo contra sua própria vontade, mesmo se sentindo perdida, mesmo silenciada sua “obrigação” é de ser refúgio e sombra para um homem.

No final do conto, percebe-se a manifestação de um desejo de resistência e subversão por parte de Flora, cansada da espera e desapontada pelo abandono do seu amante, já que ao Cristiano dizer-lhe que “sua vinda constituiria o grande fato, o acontecimento máximo de suas vidas...” (Lispector, 1972, sp.), a protagonista pensa “... que nunca, nunca mais mesmo, há de perdoar Cristiano pela humilhação sofrida [...] Revoltar-se, lutar, isso sim. É preciso que aquela Flora desconhecida de todos, apareça, afinal” (Lispector, 1972, sp.), no entanto, quando Cristiano chega dizendo que estava



com muita saudade dela, Flora não consegue dizer não para ele pois a função social idealizada da mulher de ser esposa e ser feliz somente se tiver um homem do lado, construída culturalmente e imposta pela sociedade a fez desistir de se posicionar e continuar aceitando a submissão de estar em segundo plano. Neste sentido, percebe-se que a performance realizada por Flora é justificada por sua identidade submissa construída culturalmente para aceitar as convenções sociais impostas por ser mulher, em uma sociedade machista, tornando-se dependente do homem para se sentir e ser considerada uma verdadeira mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto possibilitou compreender o que Butler expôs para reflexão, que o conceito de gênero é produzido culturalmente e socialmente por meio das relações de poder, quando a “mulher”, inicialmente inconscientemente, pois o faz desde ao nascer, performa atos estilizados passados de geração à geração, considerados assim como verdade absoluta, como sendo a única forma de pertencer ao gênero feminino. Em *Trecho*, Lispector ilustrou com muita maestria, a teoria da performatividade de Butler, exibindo as representações cristalizadas de atos repetidos e reencenados ao longo do tempo. No entanto, o pensamento de resistência que percebe-se, em alguns momentos, manifestados pela protagonista, é o ponto de reflexão necessário para que haja o questionamento sobre essas atitudes, aparentemente substancializadas, não podem/devem ser desconstruídas, constituindo assim um ato de subversão ao sistema falocêntrico. Levando em consideração, justamente a afirmação de Butler, que a construção da identidade de gênero é um processo constante e contínuo.

**RESUMEN:** este trabajo tiene como objetivo analizar las representaciones de género presentes en el cuento *Trecho* de Clarice Lispector, que hace parte del libro *Primeiras Histórias* (1972), buscando percibir cómo la identidad de género es construída por discursos e impuesta socialmente. La metodología utilizada para este estudio fue una investigación bibliográfica, fundamentada en la naturaleza descriptiva con análisis cualitativa, partiendo de una perspectiva teórica anclada en los estudios de género propuestos por Butler (2003), y en la crítica feminista Louro (2014). Esta propuesta justíficase por la importancia de observar cómo la identidad de género ha sido producida por una sociedad regulada por la ideología patriarcal, siendo muy bien



representada por la narrativa clariciana a través del personaje Flora. Con este trabajo, fue posible observar que la representación estilizada de los actos de la mujer es moldeada por los aparatos sociales de poder, poniéndola como sumisa y dependiente del hombre, y esta realidad debe servir de punto de reflexión para una desconstrucción de los procesos identitários ideológicos tradicionales.

**Palavras-chave:** Identidad de género; Judith Butler; Crítica feminista; Clarice Lispector.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, R. C. B.; LIMA, D. R. *Judith Butler sobre o gênero: as performances e os corpos estranhos*. Kínesis, Marília, v. 14, n. 36, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/13600>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CULLER, Jonathan. Lendo como uma mulher. In: CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997, p. 52 – 77.

DITTRICH, Marlene S. *A Condição feminina nos contos “Amor” e “Imitação da rosa” de Clarice Lispector*. UTFPR, 2020. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25199/1/CT\\_ELPL\\_III\\_2020\\_45.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25199/1/CT_ELPL_III_2020_45.pdf). Acesso em 30 mai. 2025.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Criação & Crítica*, São Paulo, n. 20, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143>. Acesso em: 26 abr. 2025.

FIRMINO, F. Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "Problemas de gênero". *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*. Araraquara, v. 19, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819>. Acesso em: 26 abr. 2025.

HOLANDA, Silvio.; CRUZ, Felipe. O fluxo de consciência e o monólogo interior no conto “Os laços de família” de Clarice Lispector. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Campina Grande, PB, 2013. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://editorarealize.com.br/editora/anais/abralic/2013/Completo\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_1004\\_a37453eda0b3f096b4feb97aa47da656.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://editorarealize.com.br/editora/anais/abralic/2013/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_1004_a37453eda0b3f096b4feb97aa47da656.pdf). Acesso em: 30 mai. 2025.

LISPECTOR, Clarice. Trecho. In: MOSER, Benjamin. *Clarice Lispector – Todos os contos*. Rocco digital. Disponível em:



chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://aulasdathaisunitau.com/w-p-content/uploads/2023/08/todos-os-contos-clarice-lispector.pdf. Acesso em: 30 mai. 2025.

LOURO, G. Lopes. *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 14-56.

SALIH, Sara.; LOURO, G. Lopes. Judith Butler e a teoria queer. *Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler*. Autêntica editora, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/7HxzCVrHhxQQfZjCQsfmZgn/> Acesso em: 30 mai. 2025.

SILVARES, L.; MENDONÇA, D. de S. O fluxo da consciência das personagens de Virgínia Woolf e Clarice Lispector. *Cadernos acadêmicos: conexões literárias*. Nº 1. Unifesp/SP-Leituras, Guarulhos-SP/São Paulo-SP, Dez. 2021. Disponível em: <https://www.lbxxi.org.br/ojs/index.php/cadernos-academicos/article/view/32/27>. Acesso em: 30 mai. 2025.

SILVA, Lucas Neiva. O fluxo da consciência: um olhar sobre o conto Viagem a Petrópolis, de Clarice Lispector. *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 1, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/1/o-fluxo-da-consciencia-um-olhar-sobre-o-conto-iviagem-a-petropolis-de-clarice-lispector> Acesso: 30 mai. 2025.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) *Teoria Literária – Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.